

Caros leitores,

Neste novo volume da Revista de Arqueologia Pública (RAP), destacamos a diversidade de temáticas e ações sociais inerentes ao campo da Arqueologia Pública. Mais do que o exercício de comunicação entre arqueólogos e sociedade como um todo, nossa revista tem como missão a reflexão epistemológica da Arqueologia enquanto ciência, pensada de forma plural e produzida na própria movimentação da sua comunicação. Isso significa que os aspectos teóricos são aqui tratados nesta dinâmica reflexiva entre a sociedade e Arqueologia. Nesta edição, é possível observar alguns aspectos dessa dinâmica nos mais diversos pontos de vistas dos mais variados *stakeholders*.

Na entrevista realizada por Urbano Lemos Jr. e Vicente Gosciola com Kátia Bogéa, presidente do IPHAN, é possível observar não somente os aspectos da visão institucional do principal órgão responsável pelo patrimônio arqueológico do Brasil, como também o comprometimento – e conhecimento – que a presidente tem com a questão patrimonial. Em tempos de desmonte institucional, esse é um aspecto que deve ser destacado. Parece-nos claro que o órgão é a linha de frente na resistência contra a política de silenciamento das questões relativas à memória e ao patrimônio implementada por setores do Estado nos últimos anos.

A relação da Arqueologia com as produções audiovisuais ainda é uma temática a ser explorada. Apesar de existir um número considerável de produções, sempre nos deparamos com o gargalo da distribuição e acesso de tais materiais. Não é novidade o poder didático que tais produções possuem, mas ainda são poucos os trabalhos acadêmicos que refletem sobre essas produções. Nesse aspecto que o ensaio produzido por Fernando José Cantele sobre o documentário *Iauaretê: Cachoeira das Onças* visa refletir, apontando linhas dos debates patrimoniais e arqueológicos em consonância com a produção audiovisual. Esperemos que tal ensaio, ainda que breve, inspire outros autores.

Como não poderia deixar de ser no âmbito da Arqueologia Pública, trazemos, nesta edição, dois artigos sobre Educação Patrimonial, mas com diferentes vieses de abordagem. O artigo “Ações de Educação Patrimonial No Extremo Sul Catarinense” de Juliano Bitencourt Campos et al. demonstra a experiência de um *workshop* sobre Patrimônio, Memória e Identidade realizado pela equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense (LAPIS/UNESC) junto ao ambiente escolar do Ensino Fundamental. Na sequência – e em uma possível leitura dialógica com o artigo de Campos et al. –, está o artigo “Arqueologia Experimental Guarani na Formação de Professores(as) em Ciências Humanas” de Viviane Pouey Vidal. No artigo, é possível observar e ponderar sobre aplicabilidade da arqueologia experimental no plano didático e como esta abordagem pode ser uma parte importante na formação de futuros professores, especialmente na desconstrução de sentidos comuns baseados na dicotomia entre colonos/indígenas.

Em uma terceira chave temática desta edição, trazemos algumas abordagens sobre os “modos de fazer” e os “modos de pensar” do patrimônio arqueológico e cultura material. O forte tom etnográfico não é por acaso, cada vez mais temos diálogo com a Antropologia e as visões êmicas sobre a cultura material. Assim, esses aspectos podem ser verificados nos artigos “Aproximações entre a Etnografia Arqueológica e os modos de fazer na comunidade quilombola de Itamatatiua” de Arkley Marques Bandeira e “Arqueotextura e o Esboço de Uma Antecipação” de Luciana de Castro Nunes Novaes. Tais abordagens, além de refletirem sobre seus devidos contextos etnográficos, oferecem-nos uma reflexão sobre a própria Arqueologia enquanto ciência, apontando, desse modo, aspectos reflexivos, relacionais e simétricos da disciplina.

Portanto, além dos artigos trazerem temáticas próprias de análise, é possível estabelecer entre eles uma leitura dialógica para, justamente, apontarmos o potencial que a Arqueologia Pública tem para a produção de reflexões mais amplas, inclusive naqueles aspectos reflexivos que apontam na autoimagem de ciência da Arqueologia, qual seria o nosso “modo de pensar”? Qual seria o nosso “modo de fazer”?

Desejamos uma excelente leitura,

Prof. Dr. Frederic M.C Pouget
Prof^a. Dr^a. Aline Viera de Carvalho

Editores